

## CAMINHO DE EMAÚS

### PRIMEIRA PARTE: A CAMINHO DE EMAÚS

#### AO CAIR DA TARDE

Uma das passagens mais belas do Evangelho – também literariamente – é a descrição do encontro de Jesus ressuscitado com os dois discípulos de Emaús, na tarde do dia da Ressurreição do Senhor.

São Lucas inicia assim o relato: *Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos iam para um povoado chamado Emaús, a uns sessenta estádios de Jerusalém<sup>1</sup>. Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido... Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-se e começou a caminhar com eles. (Lc 24, 13-14).*

São Josemaria, entrando ao vivo nesta cena evangélica, comentava-a com um toque de poesia: «Caminhavam aqueles dois discípulos em direção a Emaús. Andavam a passo normal, como tantos outros que transitavam por aquelas paragens. E ali, com naturalidade, apareceu-lhes Jesus, e caminha com eles, numa conversa que diminui a fadiga. Imagino a cena, bem ao cair da tarde. Sopra uma brisa suave. Em redor, campos semeados de trigo já crescido, e as oliveiras velhas, com os ramos prateados à luz tibia»<sup>2</sup>.

Desses dois discípulos, que aparecem, pela primeira e última vez no capítulo vigésimo quarto do Evangelho de São Lucas, só sabemos três coisas: que eram realmente “discípulos” de Jesus; que tinham ido, como todo judeu piedoso, a Jerusalém para a celebração da Páscoa; e que residiam na aldeia de

---

<sup>1</sup> Uns dez quilômetros. Outras cópias dos textos antigos dão uma distância maior

<sup>2</sup> São Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 313

Emaús, relativamente próxima da cidade. Esses traços nos permitem esboçar uma breve síntese biográfica, que nos ajudará a entrar mais a fundo na cena evangélica.

## **UNS TRAÇOS BIOGRÁFICOS**

Dizíamos, em primeiro lugar, que eram *discípulos* de Jesus. Isso significa que haviam conhecido o Senhor em Jerusalém, pelo menos em várias das diversas ocasiões em que ele lá foi para comemorar as principais festas judaicas; tinham escutado os seus ensinamentos, quase sempre nos pórticos do Templo; e quase com certeza viram vários dos seus numerosos milagres. O fato é que acreditaram nele e se tornaram seus seguidores fiéis.

Em contato com a fé dos apóstolos e dos outros discípulos que costumavam acompanhar Jesus – homens e mulheres –, o coração deles vibrava cada vez mais com a esperança de que Jesus fosse o Cristo, ou seja, o Messias ansiosamente esperado por Israel.

A temperatura dessa esperança aumentou ao verem o entusiasmo popular com que Jesus foi acolhido na sua entrada em Jerusalém no “domingo de ramos”, quando se dispunha a preparar lá a celebração da Páscoa e a cidade fervia de gente que lá acorrera para a maior festividade do ano.

Com certeza, os dois amigos de Emaús foram testemunhas emocionadas do fervor com que aquela multidão estendia mantos e ramos de árvores, atapetando o caminho por onde Jesus avançava, montado num jumentinho, tal como anunciara o profeta Zacarias: *Dança de alegria, filha de Sião, dá vivas, filha de Jerusalém, pois agora o teu rei está chegando, justo e vitorioso. Ele é pobre, vem montado num jumento, num burrico, filhote de jumenta* (Zc 9,9).

A exultação popular via iminente a instauração do reinado do Messias. Jesus, pensavam eles, depois da recente ressurreição de Lázaro, estaria finalmente pronto para estabelecer seu Reino. E, assim, o povo clamava: *Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor. Bendito seja o Reino que vem, o Reino do nosso Pai Davi! Hosana no mais alto dos céus!* (Mc 11, 9-10).

Era natural que os dois discípulos, envolvidos pelo arrebatamento da multidão, sentissem o coração rebentar de júbilo: “Agora sim, agora o Reino do Messias será instaurado para sempre; ele restaurará o Reino de Israel e fará irradiar o domínio de Deus sobre o mundo todo” (cf. Is 60, 1-3).

Não sabiam que o plano redentor de Deus era outro, completamente diverso. Como veremos adiante, os caminantes, na sua conversa com Jesus, estavam desolados porque a esperança nesse Reino tinha sido aniquilada com o “fracasso” de Jesus nas mãos dos poderosos, dos sumos sacerdotes e do governador romano, Pilatos. Haviam contemplado, pasmados e atordoados, aquele Jesus que julgavam Messias-Rei preso, humilhado, achincalhado, açoitado, cuspidado, coroado de espinhos, crucificado e morto e, por fim, fechado no silêncio da sepultura há três dias.

Esse era o estado de ânimo dos nossos dois amigos, que explica bem as suas reações, as suas interpretações e a sua tristeza.

## **CONVERSAVAM E DISCUTIAM**

Acompanhemos de novo o relato de São Lucas (Lc 24, 13-35): *Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos iam para um povoado chamado Emaús, a uns dez quilômetros de Jerusalém. Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido. São as coisas que acabamos de descrever.*

Com que amargura remexeriam na memória a beleza dos fatos passados e os terríveis acontecimentos recentes. Como seria a sua conversa? Por mais que debatessem, não conseguiam entender nada do que tinha acontecido, nem achavam sentido algum. O que para eles era evidente é que o maior sonho da sua vida se tinha estilhaçado. Só restava o trauma e a tristeza.

Eu gostaria que aproveitássemos esta meditação para rememorar, também nós, os nossos sonhos perdidos, as nossas esperanças desfeitas, as alegrias espezinhadas. É possível que não nos tenham faltado alguns desses sofrimentos e que achemos natural que tenha ficado no nosso coração um travo azedo de pessimismo, desânimo e descrença. Às vezes até nos parece inevitável, como se

fosse lei da vida, que a passagem dos anos traga consigo uma invasão de decepções e de ceticismo.

Talvez nos ajude fazer agora – ainda que doa bastante – um breve balanço das esperanças frustradas:

– Na vida familiar: o marido ou a esposa não são o que deles se esperava; os filhos não correspondem aos sonhos dos pais e, às vezes, os aniquilam; os parentes dão surpresas muito doloridas...

– Na vida profissional: não alcançamos as metas desejadas, ou, quando alcançadas, fica um verme interior dizendo: “Não era isso, não era isso, eu esperava muito mais”. Ou então temos que padecer os danos causados pela traição de um colega, de um sócio, talvez de um parente, de um velho amigo...

– Na amizade também não faltam esperanças e expectativas legítimas que caem no chão e nos deixam desolados. Ou, na hora da dificuldade, da desgraça e da dor, quando mais precisamos de conforto e ajuda, vemos que os melhores amigos desaparecem...

– No campo da vida pública e social, quantas esperanças, quantas decepções. As venturas e desventuras giram em torno de nós como uma ciranda...

Se lhe sugiro evocar essas decepções não é para que se atormente, desenterrando aflições passadas e presentes. Sugiro-lhe isso para que, acompanhando de perto os discípulos de Emaús e a sua conversa com Jesus, os entenda melhor, e se levante na sua alma uma luz nova de esperança: uma certeza, que não é uma utopia nem um consolo barato. Com Jesus, um esplêndido alvorecer é sempre inesperado e possível.

**JESUS SE APROXIMA**

*Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-se e começou a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam como que vendados, incapazes de reconhecê-lo.*

Jesus caminha com eles, e não o veem! Discretamente, vai ao encontro deles, anda junto e os escuta com paciência e carinho. Espera, deixa-os falar, porque quer que tirem para fora do coração tudo o que os oprime. Depois, vai colocar, nos seus corações em trevas, *o sol nascente do alto*: esse sol de que falava o pai de João Batista, que é Cristo, *que veio nos visitar, iluminar os que estão nas trevas e na sombra da morte, e dirigir nossos passos no caminho da paz* (Lc 1, 78-79).

«Jesus – comentava São Josemaria Escrivá – caminha ao lado daqueles dois homens que perderam quase toda a esperança, a tal ponto que a vida começa a parecer-lhes sem sentido. Compreende a sua dor, penetra em seus corações, comunica-lhes um pouco da vida que nele habita»<sup>3</sup>.

Em outra meditação sobre este Evangelho, São Josemaria comovia-se: «Jesus, no caminho. Senhor, és sempre tão grande! Mas tu me comoves quando te abaixas a seguir-nos, a procurar-nos, na nossa diária roda-viva. Senhor, concede-nos a ingenuidade de espírito, o olhar límpido, a cabeça clara, que permitam entender-te quando vens sem nenhum sinal externo da tua glória»<sup>4</sup>.

amos agora refletir um pouco sobre nós e o caminho da nossa vida.

## **DEUS NOS AMOU PRIMEIRO**

A primeira luz que temos de tirar desta nossa meditação é convencer-mo-nos de que Jesus sempre faz conosco a mesma coisa que fez com os dois de Emaús. Ele sempre vem ao nosso encontro, mesmo quando temos os olhos vendados. Ele quer caminhar todos os dias conosco, e procura aproximar-se do nosso coração, ainda que demoremos anos para lhe abrir a porta.

---

<sup>3</sup> São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 105

<sup>4</sup> São Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 313

Esta é a grande maravilha da fé cristã. O amor de Deus sempre nos precede. Antes de que nós viéssemos ao mundo, o Filho e Deus já tinha dado a sua vida na cruz por nós. Achou que valia a pena derramar por nós todo o seu sangue. No Calvário, Jesus viveu ao pé da letra o que poucas horas antes tinha falado aos apóstolos na Última Ceia: *Como o meu Pai me ama, assim também eu vos amo. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida por seus amigos. Vós sois meus amigos* (Jo 15,9.13-14).

São João, que esteve junto de Cristo na Ceia e na Cruz, escreverá com emoção no fim da vida, quase centenário: *Deus é amor...Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou e enviou o seu Filho como oferenda de expiação pelos nossos pecados* (1 Jo 4, 8.10).

Vamos agora perguntar-nos: «E eu?» Também nós temos muitas vezes, como aqueles dois discípulos, os olhos vendados. Se não, não divagaríamos entre tantas incertezas, sombras e penumbras, meio cegos sobre o sentido da vida.

Qual é a venda nos olhos que se interpõe entre Jesus, que nos procura, e nós que andamos sem rumo? É a nossa falta de fé, no seu duplo sentido: ignorância religiosa – às vezes, um triste analfabetismo cristão – e, em consequência, falta do conhecimento e do amor necessários para confiar em Deus e abraçar os seus caminhos.

Os dois discípulos, como muitos dentre nós, não tinham entendido o mistério da Redenção de que Deus falara bem claramente no Antigo Testamento. Por isso, para eles, a Cruz foi, como diz São Paulo, *um escândalo e uma loucura* (cf. 1 Cor 1,23). Jesus – como veremos daqui a pouco – os libertou dessa cegueira.

## **CORAÇÕES QUE EXTRAVASAM**

Prossigamos agora com São Lucas. *Então Jesus perguntou: “O que andais conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: “És tu o único forasteiro em Jerusalém, que não sabe o que lá aconteceu nestes dias?” Ele perguntou: “O que foi?”*

Os amigos conversavam sobre o que acontecera com Jesus na sexta-feira santa. Agora, não o reconhecem e, por isso, perguntam quase comicamente ao próprio Jesus: “Tu és o único que não sabes?”. Quando nos falta a luz da fé, as nossas tragédias, como a eles, ao mesmo tempo que nos enchem de dor, provocam-nos uma inconsistência que beira o ridículo: «Só tu – o protagonista de tudo –, não sabes o que aconteceu contigo?».

Jesus faz-se de ignorante e retruca: *O que foi?* Quase se adivinha o esboço de um sorriso de bom humor nessa pergunta, desse bom humor humano e divino que se capta em quase todas as cenas da ressurreição de Cristo.

*O que foi?* Aí Cléofas rasga o verbo – como se diz –, ou melhor, rasga o coração e deixa extravasar toda a sua amargura: *O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. Os sumos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que estas coisas aconteceram! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos assustaram. Elas foram de madrugada ao túmulo, e não encontraram o corpo dele. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos e que estes afirmaram que ele está vivo. Alguns dos nossos (referem-se a Pedro e João: Jo 20,3 ss.) foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A ele, porém, não o viram.*

Mais uma vez, a falta de fé, unida ao preconceito, os fez beirar o ridículo e até afundar nele, pois, na verdade, as santas mulheres – Maria Madalena, Joana, Maria mãe de Tiago, Salomé... – foram as primeiras que tiveram o privilégio de ver Jesus ressuscitado e de lhe ouvir palavras de confiança e de carinho. Mais ainda, Jesus fez delas as primeiras testemunhas e embaixadoras da verdade da ressurreição perante os apóstolos e os discípulos refugiados no Cenáculo (Mt 28,6; Mc 16,7; Lc 24,10).

**TRÊS LUZES DE UMA SÓ LUZ**

Uma vez que os discípulos desabafaram, Jesus deu à conversa uma virada radical. Começou com uma sacudida e depois foi inflamando-lhes a alma com três luzes que mudavam todo o panorama. Como é claro que só Cristo é *a luz do mundo* e pode dizer com verdade: *aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida* (Jo 8,12).

### Uma primeira luz

Vamos deixar que Jesus acenda esta primeira luz nos nossos corações. *Então ele lhes disse: “Ó homens sem inteligência e lentos de coração para crer em tudo quanto os profetas anunciaram! Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso, para entrar na sua glória?” E, começando por Moisés e passando por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, as passagens que se referiam a ele.*

As Escrituras, o Antigo Testamento da Sagrada Bíblia, continha profecias muito claras sobre o Messias sofredor e, ao mesmo tempo, triunfante. Mas, na mentalidade do povo judeu, depois dos grandes sofrimentos por que passou, tinha arraigado a esperança num Messias terreno, nacional, imperialista. Ele estabeleceria seu Reino humano nesta terra, com total poder e influência sobre o mundo inteiro.

Tão enraizada estava essa interpretação, que até mesmo os apóstolos, depois da ressurreição de Cristo e às vésperas da sua Ascensão ao Céu, ainda lhe perguntaram: *Senhor, será agora que vais restabelecer o Reino de Israel?* Nosso Senhor teve que desconversar, dizendo-lhes: *Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com sua autoridade. Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis as minhas testemunhas...até os confins do mundo* (At 1, 6-8).

Tinham esquecido as referências tão claras à Paixão, que Deus fizera através da profecia de Isaías: *Não tinha aparência que agradasse. Era o mais desprezado e abandonado de todos, homem do sofrimento, experimentado na dor... Eram na verdade os nossos sofrimentos que ele carregava, eram as nossas dores que levava às costas...O castigo que tínhamos que pagar caiu sobre ele, com as suas chagas veio a cura para nós* (cf. Is 53,2 ss).



E, também, a descrição dos detalhes da Paixão, feita pelo Espírito Santo no Salmo 22: *Traspassaram minhas mãos e meus pés, posso contar todos os meus ossos. Eles me olham, me observam, repartem entre si as minhas roupas, sobre a minha túnica lançam sortes* (Sl 22, 17-19).

Jesus lembrou aos de Emaús essas e outras profecias do Antigo Testamento, para ilustrar as palavras desconcertantes que lhes havia dito: *Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso para entrar na sua glória?*

Queria que eles entendessem, e nós também, que a sua entrega livre à morte por nós (cf. Jo 10, 18) foi, no seu sentido mais profundo, o Amor divino sem limites que nos salva, o caminho que Deus, na sabedoria dos seus desígnios, quis escolher para nos livrar do mal, afogando-o, absorvendo-o em si, no seu Amor até o extremo (cf. Jo 13,1), como que queimando-o num vulcão de caridade. Jesus na cruz mostra, como dizia São João Paulo II, «a potência redentora, salvadora, do amor»<sup>5</sup>.

Ficava claro, pois, que o Reino de Cristo seria um reino espiritual, um «reino eterno e universal: reino da verdade e da vida, reino da santidade e da graça, reino da justiça, do amor e da paz», como diz o prefácio da solenidade de Jesus Cristo, Rei do Universo. Por isso, Jesus tinha respondido a Pilatos que o interrogava: “*Então tu és o rei dos judeus?*”, dizendo: “*O meu reino não é deste mundo*” (Jo 18, 33-36).

Essa primeira luz traz duas mensagens importante nós.

Primeira. Faz-nos uma falta enorme conhecer a Palavra de Deus e aprofundar nela: a Sagrada Bíblia e, especialmente, o Novo Testamento. Todos temos, dizíamos, com muitas sombras e penumbras, os “olhos vendados” dos discípulos de Emaús, sombras que nos impedem de compreender o sentido das coisas aos olhos de Deus e o caminho que deveríamos seguir. Jesus agora nos repete: *Eu sou a luz do mundo. Aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida* (Jo 8,12).

---

<sup>5</sup> São João Paulo II. *Alocução da quarta-feira, 9/11/1988*

Decidamo-nos a dedicar diariamente uns bons minutos à leitura e meditação da Escritura, especialmente dos Evangelhos. E habituemo-nos a ler, também todos os dias, obras sobre a vida e as virtudes cristãs que sejam fiéis à doutrina da Igreja. Obras sobre as virtudes, a espiritualidade, a oração, a ação apostólica no meio do mundo... Há um autêntico tesouro de boa literatura espiritual que conta, entre as suas joias, com muitos livros clássicos, escritos pelos santos ao longo dos séculos. Aconselhe-se com um diretor espiritual de bom critério.

Segunda mensagem. Como os discípulos de Emaús, também nós, quando aparecem as dificuldades, decepções e sofrimentos, perdemos a lucidez da fé, e somos *lentos de coração* para crer. Muitas vezes podemos dizer, como o salmista arrependido, *quando meu coração se amargurava e sentia dor aguda em minhas entranhas, eu era um insensato e não entendia, como um jumento eu era diante de ti* (Sl 73, 21-22).

São Paulo, em meio a terríveis tribulações, manteve a fé, e por isso escrevia, cheio de esperança: *Sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus... Se Deus é por nós, quem será contra nós?... Quem nos separará do amor de Cristo?* (Rm 8, 28.31.35). Ele conhecia muito bem as Escrituras e nunca perdeu de vista o que Deus falou por boca de Isaías: *Acaso uma mulher esquece o seu filhinho ou o amor ao filho de suas entranhas? Mesmo que alguma se esqueça, eu de ti jamais me esquecerei* (Is 49,15). E acreditou também firmemente nestas outras palavras divinas: *O meu pensamento não é o vosso pensamento, vossos caminhos não são os meus caminhos - Oráculo do Senhor* (Is 55,8).

Só a fé arranca a venda dos olhos, e nos faz descobrir e adorar os planos da Providência de Deus.

### **Segunda luz**

A conversa no caminho ia se prolongando, e os de Emaús bebiam literalmente as palavras de Jesus, de maneira que, como narra São Lucas,

*quando chegaram perto do povoado para onde iam, ele fez de conta que ia adiante. Eles, porém, insistiram: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” Ele entrou para ficar com eles.*

Com que dor o Cardeal Robert Sarah, africano procedente de uma família da Guiné Bissau, meditava nessas palavras dos discípulos de Emaús, ao constatar que são muitos os que, sobretudo no velho mundo, não estão deixando Jesus entrar na sua casa e até o expulsam da vida<sup>6</sup>.

Cléofas e o companheiro não só deixaram que Jesus entrasse, como quase o forçaram. *Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles.* Com assombro, perceberam que seu hóspede – ainda não o tinham identificado, – repetia ao pé da letra as palavras e os gestos de nosso Senhor quando, na Última Ceia, instituiu o sacramento da Eucaristia. *Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram.*

É importante lembrar que, no primeiro século cristão, o mistério da Eucaristia, a celebração da Missa e da comunhão, designava-se com o nome de *Fração do Pão*. Assim, lemos nos Atos dos Apóstolos que os fiéis da primitiva comunidade cristã de Jerusalém *eram perseverantes em ouvir os ensinamentos dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações* (At 2,42). Tempo depois, no mesmo livro dos Atos, São Lucas conta que, estando com São Paulo em Trôade, preparando-se para uma viagem cheia de perigos a Jerusalém, *no primeiro dia da semana* (que hoje chamamos domingo), *estávamos reunidos para a fração do pão. Paulo, que devia partir no dia seguinte, dirigia a palavra aos fiéis e prolongou o discurso até meia noite...Depois, partiu o pão* (At 20, 7-11).

O que você observa nesse trecho do encontro dos dois discípulos de Emaús com Cristo? Não vê o primeiro esboço de uma Missa, como assinala explicitamente o *Catecismo da Igreja Católica*<sup>7</sup>? Primeiro, Jesus lhes explicou pelo caminho as Escrituras (Liturgia da Palavra), depois, em casa, fez a fração do Pão

---

<sup>6</sup> Cardeal Robert Sarah. *A noite se aproxima e o dia já declinou*.

<sup>7</sup> Catecismo da Igreja Católica, n. 1347

(Liturgia eucarística), e depois deu-lhes o Pão abençoado, consagrado (Comunhão).

Foi então que *seus olhos se abriram e eles o reconheceram*. Foi então que ardeu seu coração e renasceu neles a esperança. *Naquele mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e os outros discípulos. E estes confirmaram: “Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão”!* Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

A grande mensagem desta “segunda luz” é a importância central da Eucaristia na vida cristã. Sem o alimento do *Pão da Vida*, a nossa alma definha, nela esmorecem a fé, a esperança e o amor. Na sinagoga de Cafarnaum, onde Jesus anunciou o mistério da Eucaristia, ele disse categoricamente: *Eu sou o Pão vivo que desceu do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O Pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo... Quem como a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele... Aquele que me come viverá por mim. Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós* (cf. Jo 6, 51-58).

«A Eucaristia – ensina o *Catecismo da Igreja* – é o coração e o ápice da vida da Igreja, pois nela Cristo associa sua Igreja e todos os seus membros a seu sacrifício de louvor e de ação de graças oferecido uma vez por todas na cruz a seu Pai: por seu sacrifício ele derrama as graças da salvação sobre o seu corpo, que é a Igreja<sup>8</sup>».

«A Eucaristia é o memorial da páscoa do Senhor: isto é, da obra da salvação realizada pela Vida, Morte e Ressurreição de Cristo, obra esta tornada presente pela ação litúrgica»<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Ibid. n.1407

<sup>9</sup> Ibid. n.1409

«O que o alimento material produz em nossa vida corporal, a comunhão o realiza de maneira admirável em nossa vida espiritual. A comunhão da Carne de Cristo ressuscitado, vivificado pelo Espírito Santo e vivificante, conserva, aumenta e renova a vida da graça recebida no Batismo. Este crescimento da vida cristã precisa ser alimentado pela Comunhão Eucarística, pão da nossa peregrinação, até o momento da morte, quando nos será dado como viático»<sup>10</sup>.

Em todos os Sacramentos, Cristo age, comunicando-nos a graça do Espírito Santo. Na Eucaristia, é o próprio Autor da graça que nós recebemos, é a Fonte de todas as graças. Participando da Santa Missa, abeiramo-nos da abundância da *fonte de água viva* que Jesus oferecia à Samaritana (Jo 4,13) e que, na festa dos Tabernáculos, ele prometeu fazer jorrar copiosamente dentro do nosso coração: *Se alguém tem sede venha a mim e beba. Do seio daquele que acredite em mim, correrão rios de água viva, como diz a Escritura. Jesus falava do Espírito que haviam de receber os que nele acreditassem* (Jo 7, 37-39).

Um dos nomes da Eucaristia é «viático», ou seja, alimento para a «via», para o caminho; no caso, para o caminho da vida. Dela tiraram força impetuosa os discípulos de Emaús. E nós? Com que amor preparamos e vivemos cada Missa, cada Comunhão, cada adoração do Santíssimo Sacramento? Temos consciência de que é o alimento necessário para – como diz São Paulo – *não sermos mais como crianças, entregues ao sabor das ondas e levados por todos os ventos de doutrina* [dos palpites, das teorias, das invencionices]. *Ao contrário, vivendo segundo a verdade, no amor, cresceremos em todos os aspectos em relação a Cristo* (Ef 4, 14-15).

São João Paulo II, falando da Eucaristia, e como que evocando o caminho de Emaús, escrevia: «Cristo caminha conosco como nossa força e nosso viático, e torna-nos testemunhas de esperança para todos»<sup>11</sup>.

### **Terceira luz**

---

<sup>10</sup> Ibid. n. 1392

<sup>11</sup> São João Paulo II. Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, n. 62

«Testemunhas de esperança», acabamos de ler. É a terceira lição que nos dá o evangelho dos discípulos de Emaús.

Tornemos a meditar no relato de São Lucas. Depois de falar de que os dois discípulos reconheceram Jesus na fração do pão, acrescenta: *Ele, porém, desapareceu da vista deles. Então um disse ao outro: “Não estava ardendo o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e os outros discípulos... Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como o tinham reconhecido ao partir o pão.*

Você reparou? Não ficaram em casa, “curtindo” juntos a imensa emoção de ter estado com Cristo vivo, evocando comovidos detalhes preciosos desse encontro (“Você percebeu com que força falava da profecia de Isaías...?” “Com que clareza nos fazia entender aquelas palavras de Ezequiel” “Como todas as suas palavras tocavam o coração!”...).

Não ficaram fechados em si mesmos. Sentiram a urgência de transmitir essa alegria aos demais. Por isso, levantaram-se no mesmo instante e, como que impelidos por uma mola, lançaram-se de novo à estrada, já tendo anoitecido, e desfizeram o caminho andado, regressando apressadamente a Jerusalém. Precisavam dividir a sua felicidade com os outros discípulos de Jesus, com os companheiros da aventura divina a que Jesus os chamara. «Não cabe num peito só tanta alegria», dizia São Josemaria, comentando essa cena<sup>12</sup>. Aquele que achou realmente a Cristo não pode ficar trancado em si mesmo: tem de compartilhar, tem de irradiar.

E o que encontraram ao chegar, lá no Cenáculo? Uma confusão maravilhosa. Um ir e vir trazendo notícias da ressurreição, que acendia o ambiente daquele “bando de irmãos” como uma fornalha.

---

<sup>12</sup> São Josemaria Escrivá. *Amigos de Deus*, n. 314

Continuemos relendo o que diz São Lucas: *Voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e os outros discípulos. E estes confirmaram: “Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão Pedro”. Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho...*

Os outros ficaram pasmados. Custava-lhes acreditar nesta notícia, como às vezes nos custa a nós acostumar-nos a um fato maravilhoso e inesperado, que nos parece incrível justamente por ser bom demais. Olhavam para os dois com uma santa inveja e pediam mais pormenores sobre o encontro. Eram as primeiras notícias, na noite do próprio dia da Ressurreição.

De repente, *ainda estavam falando, quando o próprio Jesus apresentou-se no meio deles e lhes disse: “A paz esteja convosco!”*. Eles – os que ainda não tinham visto Jesus – *ficaram assustados e cheios de medo, pensando que estavam vendo um espírito. Mas ele disse: “Por que estais preocupados, e por que tendes dúvidas no coração?” Vede minhas mãos e meus pés, sou eu mesmo! Tocai em mim e vede. Um espírito não tem carne e ossos, como estais vendo que eu tenho”*.

Que acha que teria acontecido conosco, se estivéssemos lá? Uma enxurrada de emoções nos deixaria tontos. Tomara que algum dia, com a nossa fé iluminada pela graça, sintamos esse choque: “Meus Deus, parece inacreditável, mas é verdade!” Não acha que mudaríamos? Acha que a nossa vida cristã continuaria com a lenga-lenga atual?

O amor de Cristo é paciente, ilimitado. Para que cessem todas as dúvidas, tem um gesto que dá uma segurança plena sobre a sua ressurreição, e ao mesmo tempo demonstra de novo o característico “bom humor” de Jesus ressuscitado: *Eles* – continua São Lucas no Evangelho – *ainda não podiam acreditar, tanta era a sua alegria e a sua surpresa. Então Jesus disse: “Tendes aqui alguma coisa para comer?” Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado. Ele o tomou e comeu diante deles. Deve ter deixado a espinha num prato, lá perto. Já pensou com que olhos o contemplavam todos, embasbacados?*

Feito isso, Jesus abriu diante dos olhos de todos eles o panorama fantástico da missão divina dos cristãos. Começou repetindo o que já falara aos

de Emaús – que o escutavam de novo boquiabertos – quando estava com eles no caminho: *Era necessário que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então abriu a inteligência dos discípulos para entenderem as Escrituras.*

E, desta vez, foi mais longe. Abriu-lhes o significado, para o mundo todo e para todos os séculos, do mistério redentor que os tinha feito sofrer tanto nos dias passados: da Paixão, Morte e Ressurreição vitoriosa de Jesus: *Assim está escrito: o Cristo sofrerá e ressuscitará dos mortos ao terceiro dia, e no seu nome será anunciada a conversão, para o perdão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas dessas coisas. E eu enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu, o Espírito Santo.* O cristão – você e eu! – recebeu de Cristo a missão de ser testemunha dele por toda a terra, em todos os ambientes.

Nós já assumimos esta missão que é de *todos* os batizados? Será que nem pensamos nela, ou nem sequer tínhamos a mínima ideia de que, *desde antes da fundação do mundo, Deus nos elegeu em Cristo para sermos santos e levar Cristo, a salvação, a muitos* (cf. Ef 1, 4 ss.)?

Há umas palavras de São Josemaria que vem a calhar neste ponto da nossa meditação: «Agora que nos abeiramos um pouco do fogo do Amor de Deus, deixemos que seu impulso mova as nossas vidas, sonhemos com a possibilidade de levar o *fogo divino* de um extremo ao outro do mundo, de o dar a conhecer aos que nos rodeiam, para que também eles conheçam a paz de Cristo e, com ela, encontrem a felicidade»<sup>13</sup>.

Nós levaremos a outros, com o exemplo e com a palavra, o *fogo divino*, se primeiro o temos bem aceso na nossa alma. Procure gravar na consciência essa verdade, que São Josemaria comentava a um advogado que lhe perguntava sobre o apostolado, num encontro com centenas de pessoas em São Paulo, no dia de Pentecostes de 1974:

---

<sup>13</sup> São Josemaria Escrivá. *É Cristo que passa*, n. 170



«Todos os cristãos temos a obrigação de ser apóstolos. Todos os cristãos temos a obrigação de levar o fogo de Cristo a outros corações. Todos os cristãos temos que fazer com que se alastre a fogueira da nossa alma.

Olhe, você e eu somos pouca coisa... No fundo do meu coração, vejo-me como uma espécie de nada. Vamos dizê-lo com uma comparação: vejo-me a mim mesmo como um carvão que nada vale: preto, escuro, feio... Mas o carvão, metido no fogo, se acende e se converte numa brasa: parece um rubi esplêndido. Além disso, dá calor e luz: é como uma joia reluzente. E caso se apague? Outra vez carvão! E caso se consuma? Um punhadinho de cinza, nada.

Meu filho, você e eu temos de inflamar-nos no desejo e na realidade de levar a luz de Cristo, a alegria de Cristo, as dores e a salvação de Cristo a tantas almas de colegas, de amigos, de parentes, de conhecidos, de desconhecidos – sejam quais forem as suas opiniões em coisas da terra –, para dar a todos um abraço fraterno. Então, seremos rubi aceso, e deixaremos de ser esse nada, esse carvão pobre e miserável, para sermos voz de Deus, luz de Deus, fogo de Pentecostes!»<sup>14</sup>.

Caminho de Emaús, caminho de vida. Como toca fundo na alma esta passagem do Santo Evangelho! Peçamos luz e forças a Deus, para que aquilo que o caminho de Emaús foi para aqueles dois amigos, o seja também para nós.

\*\*\*\*\*

## **SEGUNDA PARTE: LUZES E SOMBRAS DA FÉ**

*Ó lentos de coração para crer (Lc 24, 25)*

### **A BELA LUZ DA FÉ**

Uma das páginas mais comoventes do livro das *Confissões* de Santo Agostinho é a oração que dirige a Deus, com um misto de alegria e de dor, ao se lembrar das hesitações e das demoras que atrasaram a sua conversão:

---

<sup>14</sup> São Josemaria Escrivá. Tertúlia em São Paulo, 2-VI-1974

«Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Tu estavas dentro de mim e eu te procurava fora: lançava-me transtornado sobre as belezas que tu criaste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Seguravam-me longe de ti as coisas criadas que, se não fossem sustentadas por ti, nem mesmo existiriam. Chamaste, clamaste e rompeste a minha surdez; brilhaste, resplandeceste, e a tua luz afugentou a minha cegueira; exalaste o teu perfume e respirei, suspirei por ti; saboreei-te e agora tenho fome e sede de ti; Tu me tocaste e agora estou ardendo no desejo da tua paz»<sup>15</sup>.

Santo Agostinho sentiu, desde muito jovem, uma sede ardente de verdade, de felicidade, de amor. Percorreu aos trambolhões um longo caminho de procura. Foi sincero. Por isso Deus ouviu as suas súplicas e lhe deu a resposta, acendendo-lhe na alma a luz da fé em Cristo. A partir desse instante, foi invadido por uma alegria que nunca mais iria abandoná-lo.

«Senhor..., fizeste-nos para ti e o nosso coração estará inquieto enquanto não descansar em ti», escrevia no começo das suas *Confissões*. Descansou na fé e no amor. Essa foi a sua experiência.

Alegria! Paz! Todos nós as desejamos... e como nos custa encontrá-las. No entanto, estão ao alcance da mão, como um *tesouro escondido*, encoberto pela nossa falta de fé. Quando o acharmos, nascerá para nós o sol da verdadeira alegria (cf. Mt 13, 44).

O Novo Testamento mostra-nos que a alegria autêntica é inseparável da fé.

Jesus acabava de nascer e já houve uns homens, os Magos, que, acolhendo com fé o sinal profético de uma estrela, empreenderam um longo e árduo caminho. São Mateus conta assim o final dessa aventura:

*E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. Ao verem a estrela – ao acharem Jesus –, sentiram uma imensa alegria (Mt 2,9-10). O tamanho dessa*

---

<sup>15</sup> Santo Agostinho. *Confissões*. Liv. 10, 27

alegria deduz-se do texto original do Evangelho, que é difícil reproduzir com exatidão: *Alegraram-se com uma alegria muito grande!* Uma explosão de alegria no coração.

Lembremos outro relato do Novo Testamento. A comunidade cristã acabava de nascer e já sofria perseguição. Como é que viviam a fé? São Pedro o conta: *Este Jesus vós o amais sem o terdes visto; credes nele sem o verdes ainda, e isto é para vós a fonte de uma alegria inefável e gloriosa, porque estais certos de obter, como preço da vossa fé, a salvação de vossas almas* (1 Ped 1,8-9).

Os testemunhos sobre a alegria da fé são inúmeros. Quero lembrar agora apenas um dos tempos modernos, o do jornalista André Frossard. Filho do primeiro Secretário geral do partido comunista francês, criado totalmente à margem da religião, entrou um dia por acaso numa igreja, apenas para esperar lá um amigo. De repente, instantaneamente, Deus o atingiu com a sua graça e passou a crer sem nenhuma dúvida, a crer em “todas” as verdades da fé católica. Foi um milagre do amor de Deus, que jamais esqueceria. Assim o comentava posteriormente:

«Como esquecer o dia em que, numa capela subitamente rasgada de luz, se descobre o amor ignorado pelo qual se ama e se respira, em que se aprende que o homem não está só, que uma presença invisível o penetra, o rodeia e o espera, que para lá dos sentidos e da imaginação existe um outro mundo, em comparação com o qual este universo material, por mais belo que seja e por mais atrativo que se apresente, não passa de vaga neblina e reflexo distante da beleza que o criou»<sup>16</sup>.

## **BELEZA TÃO ANTIGA E TÃO NOVA**

---

<sup>16</sup> Frossard, André. *Há um outro mundo*, Editora Quadrante, 2003.

Proclamado pelo Papa Bento XVI em 2011 com a Carta Apostólica *Porta fidei* (“A porta da fé”), o Ano da Fé teve início em 11 de outubro de 2012, quando se completavam 50 anos da abertura do Concílio Vaticano II e 20 anos da publicação do *Catecismo da Igreja Católica*.

É interessante observar que a palavra “alegria” – e também a palavra “beleza” – aparece em quase todos os escritos e alocações do Papa Bento sobre a Fé, e em quase todos os documentos do Papa Francisco, a começar pela sua primeira encíclica, *A alegria do Evangelho*.

A carta apostólica *Porta fidei* fala da «necessidade de redescobrir o caminho da fé, para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a *alegria* e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo»<sup>17</sup>.

Na audiência da quarta-feira, 10 de outubro de 2012, véspera do início do *Ano da Fé*, o Papa Bento exortava a «redescobrir cada dia a *beleza* da nossa fé». No dia seguinte, na homilia da Missa inaugural desse Ano, a 11 de outubro, voltava a referir-se à «*alegria* de crer e à sua importância vital para nós, homens e mulheres». E, poucos dias depois, na audiência da quarta-feira, 17 de outubro, dizia: «Queria que fizéssemos um caminho para reforçar ou reencontrar a *alegria da fé*, compreendendo que a fé não é algo alheio, separado da vida concreta, mas é a sua alma».

Conclamava a «descobrir novamente os conteúdos da fé professada (as verdades da fé), da fé celebrada (nos Sacramentos), da fé vivida (na conduta, na vida real, na vida moral), e da fé rezada (da oração e da vida de oração)»<sup>18</sup>.

Se você conhece o *Catecismo da Igreja Católica*, deve ter observado que, em poucas palavras, o Papa menciona as quatro partes em que o Catecismo se divide: I. A profissão da fé; II. A celebração do mistério cristão; III. A vida em Cristo; IV. A oração cristã.

---

<sup>17</sup> Papa Bento XVI. *Carta apostólica Porta fidei*, n.2

<sup>18</sup> Ibid. n.9

É natural, pois, que o Papa tenha insistido na necessidade de «um esforço generalizado em prol da redescoberta e do estudo dos conteúdos fundamentais da fé, que têm no *Catecismo da Igreja Católica* a sua síntese sistemática e orgânica [...]. Na sua própria estrutura, o *Catecismo da Igreja Católica* apresenta o desenvolvimento da fé até chegar aos grandes temas da vida diária»<sup>19</sup>.

Decidamo-nos, pois, a estudar e a difundir o conteúdo – bem assimilado, traduzido em linguagem acessível – do *Catecismo da Igreja* e do seu *Compêndio*, bem como o grande acervo de escritos sobre doutrina católica, espiritualidade, virtudes cristãs, apostolado, etc., e as vidas e os escritos dos santos, que traçam um belíssimo caminho de luz, de fé e de amor na história da humanidade.

### **QUE EU VEJA!**

Todos os milagres que Cristo fez, nos corpos ou nos elementos materiais, simbolizam os que Ele faz nas almas mediante a graça do Espírito Santo. Por isso, São João chama *sinais* a esses milagres.

Dentre eles, as curas dos cegos simbolizam a luz da fé que Cristo traz aos olhos da alma. Assim o lembrava Bento XVI na homilia de encerramento do Sínodo dos Bispos, em 28 de outubro de 2012: «Sabemos que a condição de cegueira tem um significado denso nos Evangelhos. Representa o homem que tem necessidade da luz de Deus – a luz da fé – para conhecer verdadeiramente a realidade e caminhar pela estrada da vida».

Vejamos brevemente o “sinal” da cura do cego de Jericó, a que o Papa Bento se referiu nessa homilia.

Estava Jesus de passagem pela cidade de Jericó. À porta da cidade achava-se um mendigo cego chamado Bartimeu, pedindo esmola. *Ouvindo a multidão que passava – acompanhando Jesus –, perguntou o que havia. Responderam-lhe: “É Jesus de Nazaré, que passa”. Ele então exclamou: “Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim”* (Lc 18, 36-38).

---

<sup>19</sup> Ibid. n.11

Quando os olhos da alma estão cegos e não vemos a luz de Deus, somos semelhantes a Bartimeu. Só temos noções imperfeitas das coisas da vida e do mundo: somos cegos, ainda que pensemos que enxergamos tudo bem; ficamos parados, ainda que creiamos que avançamos rumo à realização; não conseguimos usufruir os verdadeiros bens e belezas da vida por mais que procuremos espremer os prazeres até a última gota; e não percebemos que tudo o que apanhamos não passa de migalhas de «mendigo do sentido da vida», como dizia o Papa.

Podemos dizer que estamos satisfeitos? Não é verdade que muitas vezes, na solidão e no silêncio, temos vontade de chorar sem saber por quê, pois sentimos um estranho vazio, uma pobreza interior, uma escuridão inexplicável? Talvez Santo Agostinho possa projetar luz sobre a nossa amarga cegueira. Lembremos de novo as famosas palavras que se encontram no início as suas Confissões: «Fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração estará inquieto enquanto não descansar em ti».

O *Catecismo da Igreja Católica*, que a Igreja aconselha como chave-de-luz para a vida do cristão, diz uma grande verdade: «O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso»<sup>20</sup>.

Bento XVI, glosando esse texto na catequese de 7 de novembro de 2012, comentava que em inúmeras pessoas esse desejo é inconsciente, mas que a graça de Deus pode se servir dele para que vão percebendo que só na fé está a verdadeira resposta para a felicidade que seu coração anseia: «Mesmo quando esse desejo caminha por rumos extraviados – dizia o Papa –, quando segue paraísos artificiais e parece perder a capacidade de ansiar pelo verdadeiro bem, mesmo no abismo do pecado, não se apaga no homem aquela faísca que lhe permite reconhecer o bem autêntico, saboreá-lo, e começar assim um percurso de subida, no qual Deus, com o dom da sua graça, não deixa nunca faltar a sua

---

<sup>20</sup> Catecismo da Igreja Católica, n.27

ajuda... Não se trata portanto de sufocar o desejo que está no coração do homem, mas de libertá-lo, para que possa alcançar a sua verdadeira altura».

O primeiro passo para sairmos da cegueira que frustra o coração consiste em termos a humildade de reconhecer a nossa indigência: «Condição essencial – dizia o Papa na homilia citada acima – é reconhecer-se cego, necessitado dessa luz; caso contrário, permanece-se cego para sempre (cf. Jo 9,34-41)».

Bartimeu sentia a dor da sua condição de mendigo e desejava ardentemente ver: por isso pediu, insistiu, e não parou até conseguir que Jesus o atendesse. *“Que queres que te faça?” – Respondeu-lhe: “Senhor, que eu veja”. Jesus lhe disse: “Vê: a tua fé te salvou”. E imediatamente ficou vendo, e seguia Jesus, glorificando a Deus (Lc 18,41-43).*

Você não quer pedir “Senhor, faz com que eu veja”? Creia que não há ninguém que o tenha pedido com sinceridade e tenha ficado sem uma resposta.

Santo Agostinho, antes da conversão, rezava assim: «A ti, meu Deus, se elevam meus suspiros, e peço-te uma e outra vez asas para subir até ti. Se tu me abandonares, logo a morte se abaterá sobre mim...»<sup>21</sup>.

Pedia porque reconhecia que precisava de Deus, ainda que não tivesse a coragem de abraçar a fé e de seguir-lhe o caminho. Da mesma forma, São Clemente de Alexandria fazia a seguinte oração: «Até agora andei errante na esperança de encontrar Deus, mas porque tu me iluminas, ó Senhor Jesus, encontro Deus por meio de ti, e de ti recebo o Pai, torno-me herdeiro contigo, porque não te envergonhaste de me ter por irmão. Cancelemos, portanto, o esquecimento da verdade, a ignorância...»<sup>22</sup>.

Nos tempos modernos, vale a pena evocar a conversão do Beato Charles de Foucauld. Este aristocrata ateu foi um devasso esbanjador; seguiu a carreira

---

<sup>21</sup> Santo Agostinho. *Soliloquios*, n.6.

<sup>22</sup> São Clemente de Alexandria. *Protrético*, 113 ss.

militar na Academia de Saint Cyr, na França, e foi oficial, explorador científico e aventureiro no norte da África.

Após anos de vida intensa e de toda a sorte de experiências, o vazio da sua alma revelou-se de maneira aguda e o derrubou. Deus agia na noite do seu coração. Voltou à França e estando em Paris, em 1886, sentiu um tremendo puxão interior que o impelia, mesmo descrente, a ir a uma igreja. «Comecei a ir à igreja, sem ter fé. Experimentei que só me sentia bem lá, ficando longas horas a repetir essa estranha prece: “Meu Deus, se tu existes, faz com que eu te conheça”».

A graça de Deus o invadiu um dia e, com a ajuda do Pe. Huvelin, que teve a coragem de lhe dizer que, para receber o dom da fé, precisava antes confessar-se, converteu-se e entregou-se totalmente a Deus, o grande Amor recém-descoberto. Viveu bastantes anos, pobre, paupérrimo, desprendido de tudo, como monge eremita, exercendo a caridade no meio das tribos tuaregs do Saara. Ninguém o acompanhou. Hoje milhares de cristãos em todo o mundo o têm como mestre e padroeiro.

Agradecido pelo dom recebido, fazia esta oração: «Como és bom, meu Deus, como me guardaste, como me agasalhaste *à sombra das tuas asas* quando eu nem acreditava na tua existência! ... Como estou feliz! Meu Senhor Jesus, tu puseste em mim esse amor por ti, tão terno e crescente, esse gosto pela oração, essa fé na tua Palavra, esse sentimento profundo do dever da caridade, esse desejo de imitar-te, essa sede de oferecer-te em sacrifício o melhor que eu puder te dar... Como tens sido bom! Como sou feliz!»<sup>23</sup>.

## **TODOS PRECISAMOS DE PEDIR FÉ**

Pensando na fé, por que não examinamos os porões da nossa alma? Alguns dos que me leiam talvez não tenham fé. Outros a têm, mas que espécie de fé é a nossa? Será que já experimentamos, como consequência da fé, aquela *alegria que ninguém pode tirar?* (cf. Jo 16,22) Não? Então a nossa fé é fraca,

---

<sup>23</sup> Jean-Jacques Autier, *Charles de Foucauld*, Librairie Académique Perrin, 2005



pobre ou doente: ainda é uma “fé-mendigo”, que deve pedir esmola como o cego de Jericó.

Sendo assim, pobres, façamos como os pedintes. Supliquemos com o cego Bartimeu: “*Jesus, tem piedade de mim..., que eu veja!*”.

É a primeira coisa que precisamos fazer, porque a fé é um dom divino. «Perguntemo-nos – dizia Bento XVI numa alocução –: de onde haure o homem a abertura do coração e da mente para acreditar no Deus que se tornou visível em Jesus Cristo, morto e ressuscitado; para acolher a sua salvação, de tal modo que Ele e o seu Evangelho sejam guia e luz da existência? Resposta: só podemos crer em Deus porque Ele se aproxima de nós e nos toca, porque o Espírito Santo, dom do Ressuscitado, torna-nos capazes de acolher o Deus vivo. Quer dizer que a fé é antes de tudo uma dádiva sobrenatural, *um dom de Deus*».

E acrescentava que «a fé é dom de Deus, mas é também ato profundamente livre e humano». Nesta meditação ficaremos só na primeira parte: o dom de Deus; sobre a segunda – o que o homem, além de pedir, deve fazer – trataremos nas próximas meditações.

*Que eu veja!* Tomara que nos decidamos a “querer”, a rezar, a pedir, anda que seja com a oração indecisa e descrente com que Foucauld começou. Os Salmos oferecem-nos muitas súplicas “prontas”, maravilhosas. Transcrevo agora, para concluir, apenas algumas que talvez nos possam ajudar:

– *Como a corça anseia pelas fontes das águas, assim minha alma suspira por ti, ó meu Deus. Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo! Quando irei ver a face de Deus?* (Sl 41[42], 2-3).

– *Escuta, Senhor, a voz da minha oração. Tem piedade de mim e ouve-me. Fala-te o meu coração; a minha face te procura. A tua face, ó Senhor, eu a procuro. Não escondas de mim o teu rosto* (Sl 26[27], 7-9).

– *Tenha Deus compaixão de nós e nos abençoe. Faça resplandecer sobre nós a luz da sua face!* (Sl 66[67], 2).

## FELIZES OS OLHOS QUE VEEM

Vimos, na meditação anterior, “a parte de Deus”, a graça que Ele sempre nos oferece, muitas vezes sem que nós tenhamos nem lembrado dEle. Agora vamos refletir um pouco sobre “a nossa parte”.

Quando, após ouvirem a parábola do semeador, os discípulos se aproximaram de Jesus para pedir-lhe uma explicação, Cristo falou-lhes de dois olhares espirituais, que podem levar à tristeza ou à alegria.

– O primeiro olhar é o dos que têm o coração culpavelmente endurecido, “engordurado” (expressão literal) de coisas materiais: *O coração deste povo tornou-se “engordurado”, duro, e duros também os seus ouvidos: fecharam os olhos para que seus olhos não vejam e seus ouvidos não ouçam, nem seu coração compreenda; para que não se convertam e eu os sare (Mt 13,15; e Is 6,9-10).*

– O segundo olhar é o dos homens e mulheres de boa vontade, como eram aqueles que escutavam sinceramente a Cristo. A eles diz Jesus: *Quanto a vós, felizes os vossos olhos porque veem, e os vossos ouvidos porque ouvem. Em verdade vos digo: muitos profetas e justos desejaram ver o que estais vendo, e não o viram; e ouvir o que estais ouvindo, e não o ouviram (Mt 13, 16-17).*

O que é que fecha os “olhos do coração” (Ef 1,18), além das trevas da ignorância, esse mal terrível, hoje tão generalizado? Jesus diz: *Se teu olho estiver são, todo o teu corpo – tudo em ti – estará iluminado; mas, se estiver em mau estado, o teu corpo estará em trevas. Vê, pois, se a luz que está em ti [o que tu julgas ver claro, tuas ideias] não será escuridão (Lc 11,34-35).*

Fica na “escuridão” o coração que refuga a verdade, que ama mais o prazer, a satisfação egoísta, do que a verdade. Cumpre-se nele o que diz o Senhor: *Todo aquele que faz o mal odeia a luz e não vem para a luz, para que suas obras não sejam reprovadas (Jo 3, 20).*

E o que abre os olhos do coração? A pureza interior. *Felizes os puros de coração, porque eles verão a Deus (Mt 5,8).* É puro o coração sincero, que é reto, que quer saber, que não trapaceia com a consciência, que ama a verdade, que

não desvia o olhar antes de ver. *Aquele que pratica a verdade aproxima-se da luz (Jo 3,2).*

O que desvia o nosso olhar, e nos deixa espiritualmente cegos ou míopes?

A *má vontade*, como acabamos de ver. Uma má vontade que se desdobra em várias “impurezas” do coração.

A mais comum – já o víamos – é o endurecimento no erro, no pecado, que leva a não querer mudar e, antes disso, a não querer nem saber o que é certo ou errado. São Paulo fala com clareza dessa impureza de coração, referindo-se aos que *tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como a Deus que é, nem lhe renderam graças, antes se perderam nos seus pensamentos, obscurecendo-se deste modo o seu coração insensato. Julgando-se sábios, tornaram-se estúpidos [...]. Por isso Deus os entregou à impureza, de acordo com os desejos de seus corações...* (Rm 1, 21-22.24).

Santo Tomás de Aquino comenta que há dois pecados que costumam ser uma barreira à fé: a luxúria, ou seja, a sexualidade desregrada, e a “acídia”, que é a preguiça espiritual, a repugnância gratuita pela religião e a aversão aos bens da alma, próprias do “homem carnal”. Essa expressão bíblica (“homem carnal”) significa principalmente “homem egoísta”.

Foi isso o que retraiu da fé o governador romano da Palestina Félix. Estando São Paulo preso na cidade de Cesareia marítima, sede do governo romano, *mandava chamá-lo com frequência para conversar com ele, e ouvia-o falar da fé em Jesus Cristo. Mas, como Paulo lhe falasse sobre a justiça, a castidade e o juízo futuro, Félix, todo atemorizado, disse: “Por ora, podes retirar-te. Chamar-te-ei na próxima oportunidade”* (cf. At 24,24-26).

Outra impureza do coração é a mistura da boa vontade com o medo de complicar a vida: medo da luta, dos sacrifícios e renúncias que podem ser necessários para se aproximar sinceramente de Deus e cumprir a sua vontade. Santo Agostinho o experimentou, e escrevia, já consciente de que Deus o chamava à conversão: «Interiormente, dizia de mim para mim: “Vamos agora, agora!” Estava já a ponto de passar da palavra às obras, no limiar da ação,

mas...não agia... Podia mais em mim o mal que já se fizera hábito do que o bem a que eu não me habituara. Ia-me apavorando cada vez mais, à medida que se aproximava o momento decisivo... Eram bagatelas as coisas que me retinham, vaidades de vaidades, minhas antigas amigas; puxavam-me pela minha roupa de carne e diziam-me em voz baixa: “Queres deixar-nos? Tão mal nos portamos contigo?”» (*Confissões*, Livro 8, cap. 11).

Há uma outra impureza do coração, tão sutil como daninha: a tibieza, ou seja, a fé morna unida ao amor morno. Cristo, quando apareceu a São João na ilha de Patmos, fez-lhe o retrato espiritual desses cristãos “satisfeitos”, que às vezes precisam tanto ou mais de conversão que os pagãos e os descrentes: *Conheço as tuas obras: não és nem frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Mas, como és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar da minha boca... Porque dizes: de nada necessito... e não sabes que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu. Aconselho-te que compres de mim... um colírio para ungir teus olhos, de modo que possas ver claro. Eu repreendo e castigo aqueles que amo* (Ap, 3,14-19).

## **Ó LENTOS DE CORAÇÃO!**

Em todos os obstáculos para a fé que acabamos de enumerar há um *denominador comum*. Vamos focalizá-lo brevemente, sem esquivá-lo, olhando-o “de frente”.

Na parábola do semeador, Cristo explica que *a semente é a Palavra de Deus*, e diz que pode cair à beira do caminho, ou em terreno pedregoso – onde não poderá lançar raízes –, ou no meio de espinhos, que acabarão por sufocá-la (Lc 8,5-7). Mas também pode cair *em terra boa*, onde as raízes se fincam fortes e o fruto brota esplêndido. Depois explica: *A que caiu em terra boa são aqueles que, tendo ouvido a Palavra, com um coração generoso e bom, a conservam e dão fruto com a sua perseverança* (Lc 8,8.15).

“Coração generoso”. O denominador comum das três “impurezas” cegantes de que falávamos acima é a falta de generosidade, expressão da falta de um amor autêntico à Verdade, ao Bem – a Deus –, abafado pelo nosso amor egoísta.

Para crer, não basta ver, saber de cor, conhecer as verdades da “doutrina” sobre Deus, sobre a sua Igreja, sobre o ideal de santidade cristã. Muitos veem, inclusive admiram essas verdades, mas se fecham, deixam que fiquem sendo uma bela teoria que não os atinge. Como dizia um grande converso inglês, o santo Cardeal Newman, a fé não é o resultado de uma argumentação teórica, «a conclusion from premises», mas – uma vez vista a verdade suficientemente – é «um ato da vontade»<sup>24</sup>, um ato do “querer” que, na realidade, é o ato de “amar” a Verdade e o Bem sem receio de ser prejudicado por eles.

O denominador comum das impurezas do olhar é, portanto, a recusa egoísta de mudar de vida, de se “converter”, a incapacidade de sair da concha do egoísmo mesquinho e de amar, abrindo o coração e dando-se. Repare que, quando Jesus iniciou a sua pregação, uniu indissolivelmente conversão e fé: *Pregava a Boa Nova de Deus, e dizia: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,14-15)*. Converter-se, crer! Ou amamos, “querendo” abraçar a verdade de Deus, até mesmo naquilo que não gostamos, ou ficamos num túnel sem luz.

Bem colocava, claramente, essa questão o Card. Ratzinger, na primeira entrevista que concedeu ao jornalista Peter Seewald: «A História é, no seu todo, a luta entre o amor e a incapacidade de amar, entre o amor e a recusa do amor»<sup>25</sup>.

## **A BOA VONTADE E A RECUSA DE AMAR**

A “recusa de amar” produz sempre frutos amargos.

---

<sup>24</sup> São John Henry Newman. *Carta a Mrs. W. Froude*, 27/6/1848

<sup>25</sup> Joseph Ratzinger. *O Sal da Terra*, Editora Imago, 1997.

*Não quiseste*, dizia Jesus com lágrimas, ao avistar a cidade de Jerusalém, porque depois de receber tanta luz, tanto amor, tantos milagres e sinais divinos, aquele povo se fechou a Ele, na recusa e no ódio (cf. *Mt 23,37*)

Isso pode acontecer também conosco. A verdade rejeitada por ser incômoda – por má vontade – pode acabar sendo odiada e totalmente apagada, ou pelo menos “ajeitada”, isto é, deturpada.

Trata-se da *fé falsificada*, muito estendida nos nossos dias, que apresenta diversas variantes:

– A fé “fabricada”, inventada por cada um, para adaptá-la aos seus gostos, ambições e interesses, ao seu comodismo, às suas paixões desregradas. É “a minha religião” – diz-se –, “a minha filosofia de vida”, escolhida pelo meu capricho nas gôndolas do supermercado religioso. Já dizia há alguns séculos o Pe. Vieira que, como não queremos mudar de vida, então acabamos mudando de fé, «porque desta maneira, já que a vida não concorda com a fé, ao menos a fé concordará com a vida».

– A fé “manipulada” pelas ideologias que, no momento, estão na “moda intelectual”. Embriagados por essas ideologias (que a história sempre mostrou efêmeras, caducas), muitos e muitas que deveriam ser faróis da fé não hesitam em manipular Cristo e o seu Evangelho como bandeira de suas ideias “atualizadas”, muitas vezes frontalmente contrárias aos ensinamentos de Cristo e da sua Igreja.

– A “fé arlequim” é outra falsificação, cada vez mais frequente. O arlequim é essa figura da “*commedia dell’arte*”, que vai vestido com retalhos de panos multicoloridos. Muitas “religiões” há hoje que consistem em costurar retalhos (os mais “convenientes”) de diferentes doutrinas religiosas – mesmo que sejam contraditórias entre si –, e juntá-las numa religião muito *new age*, que a nada compromete: cristianismo, espiritismo, hinduísmo, budismo, etc.

– A “religião perfumaria” é mais uma triste ilusão. É, dentro do Cristianismo, um coquetel de cânticos piegas e de sentimentalismo superficial. Uma religião que dá bem-estar, como uma sauna, e que permite ser “muito religioso”, ao

mesmo tempo que se deixam de lado, trancadas no porão, as exigências da lei de Deus para a conduta cristã, muitas vezes até da moral mais elementar: da moral familiar, do respeito à vida nascente, da ética profissional, da justiça, da responsabilidade social...

– Enfim, cabe mencionar a “superstição”, parente da magia negra, ou da cinzenta, do sobrenatural torto e do esoterismo com asas de morcego.

Achou duro o que acabo de dizer? Pode ser. Mas é real, e rezo para que seja um choque sadio, que ajude alguns a abrir os olhos e a se decidirem a buscar, com toda a alma, a Verdade e o Bem que vêm de Deus e não dos nossos desejos mesquinhos.

Que não tenhamos que ouvir nunca de Jesus o que Ele teve que dizer a um grupo de fariseus hipócritas: *Se fosseis cegos não teríeis pecado; mas como agora dizeis: “Vemos!”, por isso o vosso pecado permanece (Jo 9,41).*

Vale a pena pedir a graça da fé, a luz interior do Espírito Santo. Medite, com São Josemaria: «A fé não é só para pregar, mas especialmente para praticar. Talvez nos faltem as forças com frequência. Nesses momentos... comportemo-nos como o pai daquele rapaz que estava possesso. Desejava a salvação do filho, esperava que Cristo o curasse, mas não acaba de acreditar que fosse possível tamanha felicidade [...] A sua fé vacila, teme que essa escassez de confiança impeça que seu filho recupere a saúde. E chora. Oxalá não nos envergonhemos deste pranto: é fruto do amor de Deus, da oração contrita, da humildade. *E o pai do rapaz, banhado em lágrimas, exclamou: Eu creio, Senhor, mas ajuda a minha incredulidade (Mc IX, 23).* Dizemos agora ao Senhor o mesmo, com as mesmas palavras: Senhor, eu creio, mas ajuda-me!»<sup>26</sup>.

Rezemos, confiantes, com São Bernardo: «Vinde, Espírito Santo, e falai sempre ao meu coração porque, sem o vosso auxílio, estou sempre em perigo de seguir os meus erros e confundi-los com os vossos divinos ensinamentos».

---

<sup>26</sup> Escrivá, Josemaria. *Amigos de Deus*, n. 204. Editora Quadrante.

## AS ÁGUAS VIVAS DA FÉ

Na meditação anterior refletíamos sobre os arremedos da fé, gerados pela ignorância e pelas conveniências pessoais. Nenhum desses sucedâneos poderá levar-nos às “águas vivas” de Deus.

Esse símbolo das águas vivas é constante na Bíblia. Dele fala o profeta Isaías, quando diz: *Vós tirareis com alegria água das fontes da salvação* (Is 12,3); e fala também Jeremias, cheio de dor pelos desvios idolátricos do povo de Israel: *Duplo crime cometeu o meu povo – diz o Senhor –: abandonou-me a mim, fonte de água viva, e para si preferiu cavar cisternas, cisternas defeituosas que não podem reter água* (Jr 2,13).

E fala também Jesus. Assim o conta São João: *No último e mais importante dia [da festa dos Tabernáculos], Jesus, de pé, exclamou: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, do seu interior correrão rios de água viva”. Ele disse isso falando do Espírito Santo, que haviam de receber os que acreditassem nele* (Jo 7,37-39).

Já antes, Nosso Senhor havia feito à mulher samaritana a promessa da água viva, ou seja, do Espírito Santo, amor substancial de Deus, que iria enviar-nos como fruto do seu sacrifício redentor: *Quem beber da água que eu darei, nunca mais terá sede, porque a água que eu darei se tornará nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna* (Jo 4,14).

É pela porta da fé que nós temos acesso à água viva da graça do Espírito Santo e aos “frutos” que essa água faz brotar no íntimo da alma: *O fruto do Espírito – escreve São Paulo –é amor, alegria, paz...* (Gl 5,22). Dons da graça que vem em consequência da *fé que age pelo amor* (Gl 5,6). Mas só se for “a fé” mesmo, não qualquer fé.

Nunca esqueça que existe fé completa – fé cristã –, quando há na vida as *duas dimensões da fé*:



– a fé com que conhecemos e aderimos a Deus e às verdades que Ele nos revelou ao longo da história da salvação, que têm seu cume e plenitude em Cristo; ou seja, a fé com que abraçamos a Cristo e a todos os seus ensinamentos.

– e a fé como «força transformadora da nossa vida», a fé que não fica na teoria mas «entra nos dinamismos profundos do ser humano», e por isso leva a uma «conversão da existência», a um novo modo de crer e de viver, como nos lembra Bento XVI<sup>27</sup>.

A fé é a porta da Vida. Abre as portas da verdadeira Vida nesta terra e nos conduz à Vida que não morrerá nunca mais no Céu. Vale a pena!

### **TERCEIRA PARTE: O PALPITAR DA FÉ**

*Por que surgem tais dúvidas em vossos corações? (Lc 24, 38)*

#### **DEUS BATE À PORTA**

A nossa fé é forte e fraca, como acabamos de ver. Tem a força de Deus, procedente da graça do Espírito Santo, e tem a fraqueza do homem pecador que recebe esse dom: ele pode acolhê-la, abraçá-la, cultivá-la; ou rejeitá-la, deixá-la esmorecer e até expulsá-la da alma.

Assim no-lo ensina o *Catecismo da Igreja Católica*:

«A fé é a virtude teologal pela qual cremos em Deus e em tudo o que nos disse e revelou, e que a Santa Igreja nos propõe para crer, porque Ele é a própria verdade. Pela fé, o homem livremente se entrega todo a Deus. Por isso o fiel

---

<sup>27</sup> Cf. Catequese, 17-X-2012.

procura conhecer e fazer a vontade de Deus. “O justo viverá da fé” (Rm 1,17). A fé viva “age pelo amor” (Gl 5,6)»<sup>28</sup>.

«Crer só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo. Mas não é menos verdade que a fé é um ato autenticamente humano»<sup>29</sup>. «Na fé, a inteligência e a vontade humana cooperam com a graça divina»<sup>30</sup>. «Para que o ato de fé seja humano, o homem deve responder a Deus, crendo por livre vontade [...] Cristo convidou à fé e à conversão, mas de modo algum coagiu»<sup>31</sup>.

«A fé é um dom gratuito que Deus concede ao homem. Podemos perder esse dom inestimável [...]. Para viver, crescer e perseverar até o fim na fé, devemos alimentá-la com a Palavra de Deus; devemos implorar ao Senhor que a aumente; ela deve “agir pelo amor” (Gl 5,6), ser carregada pela esperança e estar enraizada na fé da Igreja»<sup>32</sup>.

Como vimos acima, há um claro-escuro na fé. A sua luz – a verdade vista com os olhos de Deus – é a máxima claridade existente, mas, ao mesmo tempo, essa luz não é evidente. cremos, com a ajuda da graça, porque Deus veio a nós, porque Ele tomou a iniciativa e *nos amou primeiro* e, em Cristo e por Cristo, Deus revelou-nos a plena Verdade do ser e do viver, trouxe-nos, com a graça, o *poder* de crer e de nos unirmos intimamente com Deus (cf. Jo 1, 12 e 17).

Nesta terceira parte do livro, meditaremos sobre esse balançar da fé entre a luz e a escuridão, entre a força e a fraqueza, entre a graça e a nossa correspondência. Contemplaremos esse “palpitar da fé” – acende, apaga, esmorece, reacende – num dos discípulos de Jesus que sentimos muito próximo de nós, porque é profundamente humano. Tem grandes sonhos e fundas desesperanças, tem coragem e covardia, ama com todo o coração e renega

---

<sup>28</sup> Catecismo da Igreja Católica n. 1814

<sup>29</sup> Ibid. n.154

<sup>30</sup> Ibid. n.155

<sup>31</sup> Ibid. n.160

<sup>32</sup> Ibid. n.162

traindo, é humilde, cai e ressurgue. Nele podemos encontrar-nos como num espelho, e dele – do palpitar dos seus altos e baixos – poderemos aprender belas lições de fé, de humildade e de amor.

A São Pedro, como aos demais apóstolos, podem aplicar-se perfeitamente estas palavras de São Josemaria:

«Com que humildade e com que simplicidade narram os evangelistas fatos que manifestam a fé fraca e vacilante dos apóstolos! – Para que tu e eu não percamos a esperança de chegar a ter a fé inamovível e forte que depois tiveram aqueles primeiros»<sup>33</sup>.

## **UMA FÉ QUE NASCE**

O encontro de Pedro com Cristo, como o de vários outros apóstolos, deu-se por assim dizer em duas etapas.

Pedro teve um primeiro encontro inesperado com Jesus. Deu-se na transjordânia, isto é, na margem oriental do rio Jordão, num lugar onde São João Batista, acompanhado por um grupo de discípulos, estava administrando um batismo ao povo, uma purificação simbólica para preparar e acolher a manifestação iminente do Messias.

Estando lá, um dia ouviu o Batista assinalar com o dedo alguém que passava: *Aí está o Cordeiro de Deus, o que tira o pecado do mundo* (Jo 1,29). Era Jesus, que caminhava à beira do rio. No dia seguinte, o irmão de Pedro, André, apresentou-o a Jesus. *Fitando-o, Jesus disse-lhe: “Tu és Simão, filho de João, chamar-te-ás ‘kefa’ (que quer dizer pedra)”* (Jo 1,42). Pedro sentiu-se fascinado, e com outros colegas, seguiu com Jesus para o norte, para a terra deles, para a Galileia.

---

<sup>33</sup> São Josemaria Escrivá. *Caminho*. n.581

Lá, na cidade de Cafarnaum, ribeirinha do lago de Genesaré, Jesus morou um tempo na casa de Pedro. A cura da sogra de Pedro foi um dos seus primeiros milagres (Mt 1,15). Nessa cidade, e a partir dela, acompanhou as multidões crescentes que procuravam e seguiam Jesus. Até que um dia, como narra São Lucas (Lc 5,1-11), recebeu a chamada definitiva.

*Certa vez em que a multidão se comprimia ao redor de Jesus para ouvir a palavra de Deus, à margem do lago de Genesaré, viu duas barcas estacionadas à beira do lago... Subindo numa das barcas, que era de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; depois, sentando-se, ensinava da barca as multidões.*

Podemos imaginar bem a cena: muitos rostos e olhares cativados pela figura e a palavra de Cristo. Um silêncio de oração. E, de repente, a cena muda:

*Quando acabou de falar, disse a Simão: “Faze-te ao largo e lançai vossas redes para a pesca”. Essas palavras deixaram Pedro perplexo. Jesus, alheio às fainas da pesca, pedia ao pescador profissional uma coisa absurda: pescar na pior hora possível, após uma noite sem apanhar um único peixe.*

Pedro hesita, tem uma desculpa a flor dos lábios, mas olha para Jesus, e a fé que já começa a habitar nele, mais o amor que está despontando, o levam a responder: *Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar, mas porque tu o dizes lançarei as redes.*

Quantas vezes nós não achamos impossível ou até absurdo o que Jesus nos pede: perdoar, rezar por amigos e inimigos, não mentir, ir à Missa todos os domingos, confessar-nos, orar sem cessar, viver um namoro casto ou um matrimônio sempre fiel... Tão absurdo como pescar numa hora em que a “razão”, a inteligência e a experiência de um pescador profissional diria que não dá de jeito nenhum.

Mas a fé em Cristo, o amor ao Filho de Deus, superam nossos raciocínios terra-a-terra, que são sempre limitados em face da sabedoria e do poder divinos, e nos ajudam a decidir: “Porque tu o dizes, porque tu o mandas, eu vou fazer”. E acontece sempre o que Pedro protagonizou:

*Lançaram as redes e apanharam tamanha quantidade de peixes que as redes se rompiam. Então, tiveram que pedir ajuda a outra barca, e encheram as duas barcas, a ponto de quase afundarem.*

A reação de Pedro foi um retrato do seu grande coração: *Simão Pedro atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador”*. Que maravilha! Em Jesus, Pedro sente palpavelmente a grandeza e a sabedoria de Deus – um grande milagre! –, e, por contraste, a sua pequenez. O amor a Cristo torna-se nele maior, e exprime-o com a incongruência de agarrar, abraçando, os pés de Jesus, ao mesmo tempo que lhe diz: “Afasta-te de mim, porque sou indigno”. Sempre a fé e o amor crescem bem sobre a terra da humildade.

Quando essa tocha de fé se acendeu mais na alma de Pedro, o Senhor viu que chegara a hora de lhe falar claramente da sua vocação: *Jesus disse a Simão: “Não tenhas medo! De agora em diante serás pescador de homens”*. Serás apóstolo, serás “pescador” de incontáveis almas que, por ti, conhecerão a fé e seguirão a Cristo.

É bom colocar-nos no lugar de Pedro. Nós, como teríamos reagido? Não teríamos sido como aqueles que acham absurdas as coisas da religião, sem aprofundar minimamente nelas e, como “sábios”, racionais e inteligentes, sorriem torto e jogam fora a grande oportunidade de “viver plenamente” que Cristo lhes ofereceu?

Você já se pôs à escuta da voz de Cristo? Fugiu da luz da fé para ficar com as suas ideias acomodadas e continuar pensando, com espírito de rebanho, “como todos”?

Quantos seriam agora felizes se tivessem reagido como Pedro e seus companheiros: *Então, reconduzindo as barcas à terra e deixando tudo, eles o seguiram.*

## **A FÉ QUE VACILA**

Voltamos agora com a imaginação ao lago de Genesaré. Lá achamos de novo Pedro na barca.

Os quatro evangelistas acabam de narrar o milagre da primeira multiplicação dos pães, que aconteceu na margem contrária do lago. Também até lá compareceram multidões, avançando por terra, “perseguido” Jesus.

Após o milagre, como se fazia tarde, Jesus despediu a multidão, enquanto indicava aos discípulos que embarcassem de volta a Cafarnaum. Ele se retirou a um monte próximo, a sós, para orar.

*Anoiteceu, e Jesus continuava lá, sozinho. O barco, entretanto, já longe da terra, era atormentado pelas ondas, pois o vento era contrário. Nas últimas horas da noite, Jesus veio até os discípulos, andando sobre o mar. Quando os discípulos o viram andando sobre o mar, ficaram apavorados e disseram: “É um fantasma!” E gritaram de medo.*

É bom ver os apóstolos, que depois seriam as colunas da Igreja, sofrendo das mesmas fraquezas que nós. *Jesus logo lhes falou: “Coragem! Sou eu. Não tenhais medo! Mesmo sem ver claro pela escuridão, a voz era mesmo a do Mestre, sem dúvida. Encorajado por isso, Pedro, que estivera tão apavorado como os demais, atreveu-se a dizer: Senhor, se és tu, manda-me ir ao teu encontro caminhando sobre a água. Ele respondeu: “Vem!” Pedro desceu do barco e começou a andar sobre a água em direção a Jesus...*

Interrompo aqui a narração do Evangelho, para que meditemos por um momento nas vezes em que, seguindo uma inspiração do Espírito Santo, nós também – depois de hesitar – nos lançamos a cumprir uma decisão generosa, aparentemente superior às nossas forças, confiando em Jesus. Mas... surgiram dificuldades. Veja o caso de Pedro: *Começou a andar..., mas, sentido o vento, ficou com medo e, começando a afundar, gritou: “Senhor, salva-me!” Jesus logo estendeu a mão, segurou-o e disse-lhe: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?”.*

Haveria muito o que pensar aqui. Que acontece com os nossos melhores propósitos e decisões quando, depois de começar a pô-los em prática, surgem

dificuldades, quando nos exigem sacrifícios inesperados, quando cumprir a vontade de Deus, que nos diz “vem!”, nos apavora? Não é por isso que algumas vocações de entrega a Deus, que planos de apostolado e de serviço aos necessitados, que casamentos cheios de sonhos fraquejam e se afundam?

As nossas dúvidas revelam a fraqueza da nossa fé. Sublinhemos dois detalhes da cena que meditamos, para não esquecê-los nunca mais:

Primeiro: Jesus não disse a Pedro: “Como você é ingênuo e precipitado, como age sem pensar, como pôde querer um impossível: andar sobre o mar”. Ao contrário, Jesus aprovou a audácia de Pedro e recriminou-o quando desconfiou: *Homem de pouca fé, por que duvidaste?* Que diria Jesus a cada um de nós cada vez em que deixamos de fazer algum propósito bom ou de perseverar no bom caminho porque “custa muito”, “mais do que eu pensei”, “é demais”, “eu não esperava isso...”?

Segundo: Apesar de repreender Pedro pela covardia e falta de fé, Jesus não o abandonou: *Jesus logo estendeu a mão e o segurou*. Se tivéssemos fé saberíamos que, quando nos decidimos a seguir um ideal cristão, uma chamada divina, um compromisso de amor, se surgirem *ventos contrários* sempre poderemos contar com a mão que Jesus nos estende para nos fortalecer, para nos levantar e nos ajudar a ser fiéis.

«Às vezes – dizia São Josemaria –, quando tudo nos sai ao contrário do que imaginávamos, vem-nos espontaneamente aos lábios: “Mas Senhor, tudo me vai para o fundo, tudo, tudo!...” Chegou a hora de retificar: “Eu, contigo, avançarei seguro, porque Tu és a própria fortaleza; *quia tu es, Deus, fortitudo mea* (Sl 42,2) [...]. Eu vivo persuadido de que, sem olhar para cima, sem Jesus, nunca conseguirei nada; e sei que a minha fortaleza, para me vencer e para vencer, nasce de repetir aquele grito: *Tudo posso n’Aquele que me conforta* (Fl 4,13), que encerra a promessa segura que Deus nos faz de não abandonar os seus filhos, se os seus filhos não o abandonam»<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> São Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 213

Basta que levantemos a nossa mão, a mão da oração, a mão da penitência, a mão do amor sacrificado e confiante, que Jesus fará o resto.

## **A PROVA DA FÉ**

No capítulo décimo sexto do Evangelho de São Mateus aparecem, em sequência, dois episódios sobre a fé de Pedro, que são surpreendentemente antagônicos.

O primeiro (Mt 16, 13-20) aconteceu quando Jesus e os seus discípulos se encontravam, ao norte da Galileia, no território de Cesareia de Filipe. *Chegando lá, Jesus perguntou aos discípulos: “Quem é que as pessoas dizem ser o Filho do Homem?” Eles responderam: “Alguns dizem que és João Batista, outros Elias, outros ainda Jeremias ou algum dos profetas”. Então lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo”.*

É o maior ato de fé em Jesus que, até então, algum discípulo tinha feito. Pedro reconhece em Cristo o Messias (às vezes chamado na Bíblia de Filho de Deus), o Ungido que Israel vinha esperando há milênios. Jesus explicou o segredo desse ato de fé: *“Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas [ou João], porque não foi a carne ou o sangue que te revelaram isso, mas o meu Pai que está nos céus”.* Nada humano, nenhum raciocínio humano (carne ou sangue) podia ter inspirado aquele ato de fé de Pedro: só Deus. Após essa declaração, Jesus confirmou o que dissera a Pedro já no seu primeiro encontro: *Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.*

Ficava assim patente que só Deus poderia ter inspirado esta profissão de fé, que a tradição lembra como «a confissão de Cesareia de Filipe».

O Evangelho de Mateus, a seguir (Mt 16, 21-23), acrescenta: *A partir desse momento, Jesus começou a mostrar aos discípulos que era necessário ele ir a Jerusalém, sofrer muito da parte dos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, ser morto e, no terceiro dia, ressuscitar.* Foi o primeiro dos três anúncios explícitos que Jesus fez sobre a sua Paixão, isto é, sobre o desígnio divino de redimir a



humanidade por meio da entrega de Cristo, do seu amor levado até o extremo na Cruz, da sua vida oferecida por nós e para a nossa salvação.

Se você acompanhou este livro desde o começo, deve lembrar-se de que Jesus, ao ver o desconcerto dos discípulos de Emaús causado pelas atrocidades da Paixão, sacudiu a alma deles e lhes repreendeu com energia a incredulidade: *Insensatos e lentos de coração para crer em tudo quanto os profetas anunciaram! Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso, para entrar na sua glória?*

Pois bem, agora, depois do grande ato de fé, Pedro merecerá de Jesus uma repreensão bem mais forte.

Preste atenção ao diálogo: *Então* (logo após o anúncio da Paixão) *Pedro o chamou à parte e começou a censurá-lo: “Deus não permita tal coisa, Senhor! Que isto nunca te aconteça!” Jesus, porém, voltou-se para Pedro e disse: “Vai para trás de mim, satanás! Tu estás sendo para mim uma pedra de tropeço, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens.*

Por quê essa enérgica reação de Cristo? Com certeza, Jesus sabia que Pedro falava movido pelo carinho que tinha por ele. Não duvidava que era por amor que queria poupá-lo aos sofrimentos da Paixão. Mas Simão não reparou que, movido por seu afeto emotivo (como nos engana o sentimentalismo!), estava fazendo exatamente a mesma coisa que Satanás pretendeu fazer com Cristo, ao sugerir-lhe a terceira tentação no deserto: *O diabo mostrou-lhe todos os reinos do mundo e sua riqueza, e lhe disse: “Eu te darei tudo isso se, prostrado diante de mim, me adorares”.* Jesus lhe disse: *“Para trás, Satanás, pois está escrito: ‘Adorarás o Senhor, teu Deus, e só a ele prestarás culto’*. O que Satanás lhe propunha era triunfar, vencer, reinar, sem passar pela Cruz.

No fundo era como se lhe propusesse: “Sei que o Messias, o Filho de Deus, foi anunciado como Rei pelos profetas. Não liguês para o que Isaías predisse sobre o Messias sofredor, *experimentado em todos os sofrimentos* (cf. Is 1,6; 53,2-3.7) . Eu te facilitarei um caminho melhor: Basta que te ajoelhes na minha frente e me adores e eu resolvo tudo”. Queria, assim, anular o desígnio da Trindade, que se resume na frase, que a Igreja repete com veneração: «Regnavit a ligno Deus – Deus reinou do lenho da Cruz». Pela sua Morte, Ressurreição e Ascensão, Cristo foi glorificado e tornou-se verdadeiramente Rei do Universo.

Sempre que fugimos da Cruz que Deus nos pede carregar, para escolhermos um caminho mais “fácil” – infelizmente, fazemos isso muitas vezes –, caímos na terceira tentação do diabo. De cada vez que recusamos a Cruz santa, a vida descarrega sobre nós a cruz do diabo, um sofrimento inútil e sem sentido.

Cerca de trinta anos depois desse episódio, Pedro, cheio do Espírito Santo, escreveria na sua primeira Carta: *Cristo sofreu por vós deixando-vos um exemplo, a fim de que sigais seus passos [...]. Carregou nossos pecados em seu corpo, sobre a Cruz, a fim de que, mortos para os pecados, vivamos para a santidade. Por suas feridas fostes curados* (1 Pd 2, 21.24). Com a lucidez da fé sem sombras, Pedro entendeu o mistério da nossa Redenção.

## **NÃO O CONHEÇO!**

Na véspera da sua Paixão, Jesus abriu o coração aos apóstolos. Já ia para o fim a Última Ceia. Pouco depois começaria a agonia do Senhor no Horto das Oliveiras. *Filhinhos – dizia-lhes, comovido –, ainda estou um pouco convosco... Para onde eu vou, vós não podeis ir.* Simão Pedro, sentindo saudades prévias pela ausência anunciada por Jesus, disse-lhe: *“Para onde vais, Senhor?”* Jesus respondeu: *“Para onde eu vou não podes tu seguir-me agora; tu me seguirás depois”.* Disse-lhe Pedro: *“Porque não posso seguir-te agora? Por ti eu darei a minha vida!”* Disse-lhe Jesus: *“Tu darás a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo: Não cantará o galo sem que tu me tenhas negado três vezes”* (Jo 13,33-38).

Pedro ficou perplexo, aflito. Não podia crer no que Jesus acabava de dizer. Poucas horas depois, porém, viria o doloroso cumprimento dessas palavras. Um batalhão de soldados romanos e guardas dos sumos sacerdotes, *com lanternas, tochas e armas*, invadiram o Horto onde Jesus estava orando. O Senhor foi ao encontro deles serenamente. Foi preso e amarrado como um criminoso. Houve um desconcerto total entre os discípulos. Perigo! Pedro tentou defender Jesus desajeitadamente e, com um golpe mal dado de cutelo cortou a orelha de um guarda. Jesus intercedeu pelos apóstolos: *Se é a mim que procurais, deixai que estes aqui se retirem.* E, tomados de medo, todos fugiram dali (cf. Jo 18,3-27).

Pedro, angustiado, temeroso, envergonhado pela fuga, procurou pelo menos *seguir de longe* a comitiva que arrastava Jesus (cf. Lc 22,54). Viu onde o meteram: na casa do Sumo sacerdote. Ele conseguiu entrar ali e ficar no pátio, onde empregados, criadas e guardas se aqueciam à volta de uma fogueira. E foi ali que se deu a tragédia. Dentre aquela turma de serventes, uma após outra, surgiram três perguntas que transtornaram Pedro. “*Não és tu discípulo deste homem?*” “*Não és tu um deles?*” “*Será que não te vi no Horto com ele*”. Nervoso, apavorado, Pedro negou três vezes conhecer Jesus, e até mesmo – o que foi mais triste – *começou a praguejar e a jurar: “Não conheço este homem de quem estais falando!”* (Mc 14,71).

Mal disse estas palavras o galo cantou. Na mesma hora, Jesus, acorrentado, cuspidado e marcado pelas pancadas recebidas, passou por ali levado pelos guardas que o custodiavam. E, conta São Lucas que, *voltando-se, olhou para Pedro*. O olhar de Pedro encontrou-se com o olhar amoroso de Jesus. Então o pobre Pedro caiu em si, lembrou-se do que Jesus lhe tinha anunciado e, *saindo do pátio pôs-se a chorar amargamente* (Lc 22, 61-62). Umas lágrimas que, por muito tempo, lhe queimaram os olhos e a alma.

São cenas do Evangelho bem conhecidas. O que agora importa é perguntarmo-nos: o que nós vemos nelas? Por que é que a fé e o amor de Pedro não tiveram força para mantê-lo fiel a Jesus? É bom meditar nisso, pensando também nas nossas “negações”, nos nossos pecados.

Em primeiro lugar, seria injusto achar que a fé e o afeto que Pedro tinha manifestado várias vezes a Jesus não eram sinceros. Também era honestamente sentida a sua disposição de dar a vida por Cristo.

Só que Pedro ignorava a sua fraqueza, e os fatos evidenciaram, na hora da provação, que a sua confiança e o seu carinho humano por Jesus pouco se elevavam acima do nível demasiado baixo dos bons sentimentos e das emoções instáveis. Não tinham raízes. Não eram “virtudes humanas”, menos ainda “virtudes sobrenaturais” (essas só teria após a vinda do Espírito Santo); por isso, Pedro falhou quando mais precisava ser fiel a Jesus, e isso deixou-o arrasado.

Por que aconteceu essa queda infeliz? Não foi apenas pela natural fraqueza humana, que, sem dúvida, se manifestou patentemente nesse drama; foram outras falhas mais profundas – o sentimentalismo sem virtudes –, que acabamos de apontar. O próprio Evangelho nos dá várias pistas.

Já lembramos há pouco a passagem em que Jesus ficou orando no Horto das Oliveiras. Foram momentos muito duros para ele. Por isso, pediu a Pedro, Tiago e João – os mais chegados dos apóstolos – que lhe fizessem companhia e rezassem com ele: *Permaneçei aqui e vigiai comigo* (cf. Mt 26,38). Chegando ao Getsêmani, *ele disse a seus discípulos: “Sentai-vos aqui, enquanto vou orar”. E, levando consigo Pedro, Tiago e João, começou a temer e a angustiar-se. Pedia ao Pai, que, se era possível, afastasse dele o cálice amargo da Cruz... “Porém, não o que eu quero, mas o que tu queres”*. Voltou a se aproximar dos três e os encontrou dormindo. Dirigiu-se então a Pedro: *“Simão, estás dormindo? Não foste capaz de vigiar por uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação”*. Essa penosa fraqueza, ceder ao sono, deixar de rezar, repetiu-se mais duas vezes naquela noite (Mc 14,32-42).

Contemplando essa cena, vem-me ao pensamento uma frase de *Caminho*: «Sem oração, como é difícil acompanhá-Lo!»<sup>35</sup>. E as palavras do teólogo Yves Congar: «A oração é o exercício da fé». Pois só a fé viva, unida a uma vida espiritual autêntica, conduz ao amor verdadeiro. Caminho da fé, caminho do amor.

A nós, Jesus nos diria: “Sem uma verdadeira oração mental e vocal, sem os Sacramentos, sem a mortificação e a penitência (perdendo o medo da Cruz que Pedro sentia), tu não conseguirás me seguir, ficarás frustrado e perdido a meio caminho, como aquele que construiu a casa sobre areia; vieram ventanias e tremores de terra, e a casa desabou e ficou reduzida a um montão de ruínas (Mt 7, 26-27).

---

<sup>35</sup> São Josemaria Escrivá, *Caminho* n.89

Acho que seria muito bom que você – que me lê – aproveitasse essas reflexões para esclarecer por quê nas horas e nas provas importantes da sua vida, ficou tantas vezes, como Pedro, só, *seguindo Jesus de longe*.

## O RESPLENDOR DA FÉ

*Jesus, voltando-se, olhou para Pedro*, líamos. A partir daquele instante, juntamente com as lágrimas, começou para Pedro um novo itinerário de fé e de amor a Cristo que, com a ajuda da graça do Espírito Santo, foi crescendo até a morte. Como foi que se deu esse “sim” definitivo de Pedro a Jesus?

Penso que houve dois momentos, dois passos decisivos para isso.

O primeiro foi seu profundo arrependimento, a dor de amor de Pedro. Conta São Lucas que, na última Ceia, Jesus dirigindo-se a Pedro lhe disse: *Simão, Simão, Olha que Satanás vos reclamou para vos peneirar como o trigo. Mas eu roguei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos* (Lc 22,31-32). Anunciava a Pedro que seria abalado e sacudido por Satanás, mas prometia-lhe que não o deixaria, que experimentaria uma mudança profunda, *uma conversão*, e seria a rocha na qual os seus irmãos se poderiam apoiar.

É impressionante perceber a fidelidade de Deus, o amor inabalável de Cristo. Três anos antes, Jesus, no seu primeiro encontro com Pedro, deu-lhe o título de *pedra*, de alicerce da sua Igreja. E Jesus não mudou. *Se lhe somos infíéis – escreve São Paulo a Timóteo – ele, no entanto, permanece fiel, pois não pode negar-se a si mesmo* (2 Tm 2,13). Pedro, tocado por esse amor fidelíssimo de Cristo e por sua graça, mudou radicalmente.

Momento marcante da “conversão” foi a última aparição de Jesus ressuscitado, que São João narra com detalhe no final do seu Evangelho (Jo 21,1-17).

Os discípulos foram convocados por Cristo ressuscitado para vários encontros na Galileia. Num dia em que o Senhor não veio, a convite de Pedro,

vários deles resolveram aproveitar a noite para pescar. Como naquela outra ocasião, anos atrás, em que Cristo os chamou (Lc 5,1 ss) após uma noite sem nada apanharem, ao amanhecer, Jesus, visto como uma figura imprecisa na névoa matutina, gritou para eles: *Rapazes, tendes alguma coisa para comer?* Não o identificaram e responderam laconicamente: *Nada. Ele lhes disse: Lançai a rede à direita do barco e achareis. Eles lançaram a rede e não conseguiam puxá-la para fora, por causa da quantidade de peixes.*

Este milagre foi a credencial, a revelação da identidade de Jesus. João, reconheceu-o e clamou em voz alta: *É o Senhor! Ouvindo-o, Simão Pedro arregaçou a túnica e lançou-se ao mar.* Queria chegar quanto antes a Jesus, num gesto emotivo e impetuoso bem característico dele.

Segue-se o encontro na praia e uma refeição ali mesmo, todos com Jesus. Terminada esta, o Senhor fica caminhando com Pedro pelas margens do lago. De repente lhe pergunta: *Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?* Pedro abaixa os olhos, sente vergonha, assomam novas lágrimas, já não se pavoneia como quando disse: *Eu darei a vida por ti.* Humildemente, sem se atrever a proclamar nada, diz apenas: *Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.*

A pergunta de Jesus repete-se três vezes, como três foram as negações de Pedro. Na terceira vez, o apóstolo *ficou triste ... e respondeu: Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo.* Que ato de arrependimento comovente, humilde! Era como dizer: “Eu não me atrevo a dizer que sim, pois falhei tanto, mas tu sabes que eu te amo e quero amar-te com toda a minha alma...”. Depois de cada resposta de Pedro, Jesus confirmou-lhe explicitamente a sua plena confiança nele: *Sê pastor das minhas ovelhas, sê pastor dos meus cordeiros, serás o Pastor da minha Igreja. Continuo a fazer de ti Kefa, a rocha.*

Ao meditar nesta cena, nós, que negamos Jesus muito mais vezes do que Pedro, não nos sentimos confortados pelo amor do coração de Cristo, que acolhe sempre nosso arrependimento? Não vemos que ele é o primeiro que corre até nós para nos acolher e abraçar, como o pai do filho pródigo? (Lc 15, 20). Como anda a nossa fé nele?

No começo deste capítulo, dizia que houve dois momentos decisivos para a consolidação da fé e do amor de Pedro. Acabamos de ver o primeiro: a dor de amor.

O segundo foi a vinda do Espírito Santo em Pentecostes (cf. At 2,1-41).

No dia em que Cristo ressuscitou, foi à noitinha ao Cenáculo, ao lugar onde se refugiavam os discípulos, *com as portas fechadas por medo dos judeus* (Jo 20, 19). Nesse mesmo lugar, depois da Ascensão de Cristo, continuariam a reunir-se, *unânimes na oração*, juntamente com Maria, a Mãe de Jesus, e as santas mulheres. Dez dias depois, *de repente, veio do céu um ruído como de um forte vento, que encheu toda a casa em que se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar...*

Cumpriu-se a promessa de Jesus. O Espírito Santo, o Amor em pessoa, o vínculo de amor entre o Pai e o Filho, inundou-lhes a alma, como Jesus havia anunciado na Ceia. Esse era o fruto do sacrifício de Jesus na Cruz, profusamente derramado sobre os discípulos e sobre o mundo pecador, para lavar os pecados, justificar, fortalecer e santificar as almas, transformar-nos em *filhos muito amados* (Efr 5,1), a nós, que somos “pobres pecadores”.

Agora – com a graça do Espírito Santo –, aqueles discípulos que antes se refugiavam, temerosos, no Cenáculo, abrem portas e janelas, saem a público e começam a anunciar Cristo, com inabalável coragem, a uma multidão que se vai formando junto da casa onde estão.

Antes da vinda do Espírito Santo, só havia temor e fraqueza. Após Pentecostes, a graça – então, como hoje e como será até o fim dos séculos – transforma-nos em filhos de Deus e nos torna capazes de sermos “outros Cristos”, cheios do amor a Deus, filhos que incendeiam com a luz da verdade e o fogo do amor cristão *até os confins da terra* (At 1, 8).

Um novo Pedro, transfigurado pela graça do Espírito Santo, *de pé, junto com os onze, levantou a voz e falou à multidão*. Falou de Jesus, mostrou que ele era o Cristo – o Messias anunciado pelos profetas – , deu testemunho pessoal da

Ressurreição e concluiu seu discurso vibrante, dizendo com grande força: *Portanto, que todo o povo de Israel reconheça com absoluta certeza que Deus constituiu Senhor e Cristo a este Jesus que vós crucificastes* . A sua palavra, e a graça do Espírito que a inspirava, levou à conversão cerca de três mil pessoas.

Esse “novo Pedro” é o que nós veremos a partir daqui e até a hora em que dará a vida por Cristo, pregado numa cruz, em Roma, durante a perseguição de Nero. Preso várias vezes anteriormente em Jerusalém pelas autoridades judaicas, ameaçado de açoites e de morte, proibido de pregar Cristo ao povo, Pedro teve sempre a coragem de manter-se fiel a Cristo, sem se intimidar nem um pouco.

Depois da primeira prisão, *ordenaram-lhes [a Pedro e a João] que de modo algum, falassem ou ensinassem em nome de Jesus. Pedro e João responderam: “Julgai vós mesmos se é justo, diante de Deus, que obedeçamos antes a vós do que a Deus. Nós não podemos deixar de falar sobre o que vimos e ouvimos.* (At 4,18-21).

Ao serem presos pela segunda vez, ouvem os juízes dizer-lhes: *Não vos proibimos expressamente de ensinar neste nome? (...) Então, Pedro e os outros apóstolos responderam: “É preciso obedecer a Deus antes que aos homens”* (At 5, 28-29). É bonito ver como a comunidade dos primeiros cristãos de Jerusalém rezava sem cessar pelos seus apóstolos perseguidos e pedia com grande fé: *Agora, Senhor, olha as ameaças que lhes fazem e concede que os teus servos anunciem corajosamente a tua palavra* (At 4,29).

“Corajosamente”. Na realidade São Lucas usa, nos Atos, uma palavra grega de uma enorme riqueza de conteúdo e, por isso, intraduzível: *parressia*. Contém os significados de audácia, coragem, confiança, entusiasmo, alegria... Já percebeu que aquela primeira comunidade não pedia a Deus que os apóstolos pudessem fugir e livrar-se do perigo; pedia que o pudessem enfrentar, que não esmorecessem e continuassem a proclamar com *parressia* a Boa Nova de Jesus, o Salvador.

Era o fruto do resplendor da fé, que o Espírito Santo acendia em seus corações. Tão grande, que não temiam as perseguições nem a morte. São Pedro exprime isso maravilhosamente bem no começo da sua primeira Carta, uma



epístola circular dirigida a todos os batizados, quando já estava em andamento a cruenta perseguição de Nero:

*Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que na sua grande misericórdia, nos regenerou pela ressurreição de Jesus Cristo entre os mortos para uma esperança viva, para uma herança incorruptível, que não se pode contaminar, e imarcessível, reservada nos céus para vós, a quem o poder de Deus guarda pela fé para a salvação que está prestes a se manifestar... Então rejubilareis, se bem que vos sejam necessárias, por algum tempo, diversas provações, para que a prova a que é submetida a vossa fé, muito mais preciosa que o ouro perecível, que se prova pelo fogo, seja digna de louvor, de honra e de glória quando Jesus Cristo se manifestar. Sem o terdes visto, vós o amais, sem o verdes ainda, crestes nele, porque estais certos de obter, como prêmio da vossa fé, a salvação das vossas almas (1 Pd 1, 3-9).*

“Caminho da fé, caminho do amor”, intitulamos este livro. A nossa meditação sobre a palavra de Deus nos mostra esta grande verdade. Quando a fé abre os olhos, abre também as portas para um amor inseparável de uma alegria que o mundo não conhece, uma alegria que Jesus garantiu que *ninguém vos poderá tirar* (Jo 16,22).

\*\*\*\*\*